

REFERENCIAÇÃO ANAFÓRICA: UMA ANÁLISE DE TEXTOS ESCRITOS POR ALUNOS DO ENSINO MÉDIO¹

*Josinaldo Pereira de Paula**

*Lidiane de Moraes Diógenes Bezerra***

RESUMO

Este trabalho é parte de um TCC intitulado “Referenciação anafórica: uma análise comparativa de textos produzidos por alunos do ensino fundamental e médio”, apresentado ao curso de Letras, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Campus de Pau dos Ferros. Nosso objetivo é investigar como ocorre a referenciação anafórica em textos escritos por alunos do ensino médio. Nosso *corpus* é composto por artigos de opinião de alunos do 3º ano do ensino médio, produzidos em uma oficina de produção textual ofertada no Estágio Supervisionado II, do curso de Letras, da referida universidade. Como aporte teórico, lançamos mão de Mondada e Dubois (2003), Koch (2004, 2005, 2006, 2008), Cavalcante (2003, 2011, 2012), Marcuschi (2001, 2008, 2012), entre outros. Nossos resultados apontam que os textos apresentam um excesso de repetições por anáforas pronominais, repetição total e parcial; isto porque os alunos ainda não conseguem diferenciar claramente o que Marcuschi (2001) chama de *bimodal*: quando o aluno passa a dominar a modalidade oral e a escrita e, assim, trazem traços da oralidade para escrita. Concluímos que as contribuições da Linguística Textual para a construção do texto enquanto processo não são aplicadas como deveriam em sala de aula. Dessa forma, entendemos que um trabalho com a reescrita é relevante para o aluno refletir sobre seu texto e, assim, usar adequadamente os recursos da referenciação anafórica. Por fim, acreditamos que esses resultados, levados ao contexto de sala de aula, podem contribuir para o ensino de produção de texto na disciplina de Língua Portuguesa.

Palavras-chave: Linguística textual. Referenciação anafórica. Textos escritos.

ABSTRACT

This work is part of a TCC which is titled “Anaphoric Referencing: a comparative analysis of texts produced by students of primary and secondary education” we developed when we were at Art Course, in the University of Rio Grande do Norte State, at Campus of Pau dos Ferros town. We aim at investigating how pronoun reference occurs anaphorically in texts written by students from high school. Our corpus is formed by opinion articles, produced by students in the 3rd year of high school in a textual production workshop offered at school as an action developed by the university. As theoretical background we took contributions by Mondada and Dubois (2003), Koch (2004, 2005, 2006, 2008), Cavalcante (2003, 2011, 2012), Marcuschi (2001, 2008, 2012) among others scholars. Our results point out that the text have an excess of pronominal anaphora repetitions, and those repetitions occur in general and partial parts of the text. This is because students still fail to clearly differentiate what Marcuschi (2001) calls bimodal: when the student begins to dominate the oral mode and writing and this way he/she transfer oral traits for writing. We conclude that the contributions of textual linguistics for the construction of the text as a process are not applied as they should be in the classroom. Thus, we understand that a job with the rewrite is relevant to the student reflect on your text and thus properly use the resource so anaphoric referencing. Finally, we believe that these results can contribute to the text production of teaching in the discipline of Portuguese Language just because they were conducted in classroom.

Keywords: Text Linguistics. Anaphoric Referencing. Written texts.

¹ Trabalho apresentado em sessão coordenada no I Simpósio de Linguística Textual na Universidade Federal do Ceará.

* Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Mestrando em Letras do Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL) pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Portalegre, Brasil naldo.portalegre@gmail.com.

** Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Pau dos Ferros, Brasil. lidmoraes@yahoo.com.br.

INTRODUÇÃO

Os aspectos da referenciação são relevantes na construção da adequação e do sentido dos textos. Os estudos de Cavalcante (2011, p. 16), por exemplo, dizem da referenciação como “condição fundamental para que, nas práticas comunicativas, os participantes (re) construam a coerência do texto”, ou seja, os recursos referenciais bem aplicados implicarão, também, na sua qualidade final.

Nesse sentido, o objetivo do presente trabalho é investigar como os recursos referenciais são utilizados pelos alunos do ensino médio para a construção dos sentidos do texto e também do que Antunes (2009) chama de adequação contextual do gênero artigo de opinião.

Atualmente, sabemos que, com a acessibilidade proporcionada pela era digital, os docentes têm facilidade em saírem do livro didático e buscarem uma série de recursos como, por exemplo, textos e vídeos de diversos gêneros, que estão disponíveis na internet e podem ser usados para tornarem as aulas de produção de texto mais dinâmicas e incentivar o discente a escrever. Nesse sentido, com toda essa facilidade, o que nos interessa observar é como os textos estão sendo produzidos em relação aos aspectos textuais da referenciação.

Nesse foco, realizamos um trabalho abordando os aspectos da referenciação anafórica. Mondada e Dubois (2003, p. 20) afirmam que o processo de referenciação se constrói através de “objetos cognitivos e discursivos na intersubjetividade das negociações, das modificações, das ratificações de concepções individuais e públicas do mundo”, ou seja, a forma de nos referirmos ao mundo não está presa apenas ao valor semântico de fatores linguísticos, mas também ao contexto pragmático em que é proferido o discurso. As inferências, o conhecimento de mundo, o conhecimento cultural mútuo daqueles que estão envolvidos em um discurso específico é, em muitas situações, o elemento principal para que ocorra sucesso na comunicação. Como as autoras afirmam, existe uma negociação cognitiva e intersubjetiva entre os falantes no momento em que o discurso é proferido. Assim, o sentido é construído naquele momento. Essa negociação é individual e pode ser útil apenas para aquele momento de discurso, pois, em outra situação, os mesmos falantes podem usar as mesmas palavras com sentidos diferentes ou podem se referir aos mesmos objetos com outros fatores linguísticos que são adequados para aquela situação comunicativa.

Portanto, usamos como suporte teórico diversos estudos que, no decorrer do tempo, têm discutido como os recursos da referenciação são usados na construção de textos escritos e orais em diversos gêneros textuais. Trabalhos mais introdutórios como o de Mondada e Dubois (2003) apresentam os conceitos já existentes sobre esses estudos, mas também apresentam ideias opostas que são pertinentes para os estudos atuais da Linguística Textual, ou seja, abrem uma visão mais ampla sobre o referente, pois as autoras questionam a concepção clássica da referência e adotam o conceito de referenciação que dá conta das práticas simbólicas discursivas do mundo. Os trabalhos de Koch (2004) e Cavalcante (2011) também assumem a perspectiva da referenciação e contribuem discutindo categorias de análise, a exemplo das relacionadas à referenciação anafórica, entre outros diversos estudos que têm se preocupado em apresentar como os processos de referenciação contribuem para a construção dos sentidos do texto.

Nosso procedimento metodológico de coleta e análises dos dados se deu com produções realizadas pelos alunos de uma oficina de produção textual de trinta horas aula, com foco no artigo de opinião ofertada na disciplina Estágio Supervisionado II, no semestre 2013.1, à qual frequentaram onze alunos do 3º ano do ensino médio de uma escola da rede pública de ensino. Nesse sentido, realizamos uma seleção, codificação e tabulação dos dados encontrados em cada artigo de opinião. Fizemos a apresentação dos dados em quadros demonstrativos, enfatizando os dados qualitativos e quantitativos, para ser possível a reflexão através de exemplos retirados dos textos dos discentes, e, em seguida, apresentamos os resultados obtidos.

Nosso trabalho está organizado em três partes. Na fundamentação teórica, apresentamos os fundamentos da abordagem da referenciação e a referenciação anafórica. Na análise dos dados, realizamos a apresentação dos resultados encontrados nos textos dos alunos do ensino médio, comentando alguns exemplos. Por fim, nas considerações finais, retomamos os nossos objetivos, relacionando-os aos resultados alcançados, como também apresentamos as contribuições da pesquisa e uma perspectiva de aplicação dos resultados no contexto atual do ensino de Língua Portuguesa.

1 REFERÊNCIA, REFERENCIAÇÃO E REFERENCIAÇÃO ANAFÓRICA

Neste tópico, apresentamos uma breve discussão sobre a referenciação e a referenciação anafórica. Como aporte teórico, temos Mondada e Dubois (2003) que discutem o conceito de referência a partir de uma abordagem sociocognitiva interacionista da linguagem, e socioconstrutivista do fenômeno da referência. Também recorreremos a outros estudos que seguiram essa perspectiva, como Koch (2002, 2004, 2005), Cavalcante (2011, 2012) e Marcuschi (2012), que apresentam uma releitura do termo referência, apontando o conceito de referenciação que dá conta das relações instáveis entre a linguagem e o mundo.

Uma série de pesquisas, por muito tempo, afirmou que a língua seria a representação quase real das coisas. Com Mondada e Dubois (2003, p. 17), entendemos que a língua era estudada como “um sistema de etiquetas que se ajustam mais ou menos bem às coisas” As pesquisas sobre esta temática apresentavam uma perspectiva da língua enquanto representação clara e transparente, ou seja, estável, na qual cada signo linguístico se ajusta às coisas no mundo. Nesse sentido, Mondada e Dubois (2003) afirmam ser uma utopia pensar a língua nesta perspectiva, pois existe uma instabilidade na língua, e esta não é apenas um sistema de representação das palavras em relação às coisas. As autoras têm uma visão de língua mais complexa e, com isto, decidem não observar a língua a partir da concepção clássica da referência, mas sim como um processo de referenciação.

Sob esta nova perspectiva da referenciação, Mondada e Dubois (2003), a partir dos estudos sociocognitivos interacionistas, apontam que existe um problema em mapear a língua em relação às coisas, que a língua não é um sistema estável, mas sim que existe uma instabilidade na língua e que os sentidos são construídos a partir das situações sócios discursivas entre os sujeitos históricos sociais. Dessa forma, tendo a língua como processo de referenciação, Mondada e Dubois (2003, p. 19) citam que não é relevante “perguntar como [...] os estados do mundo são representados de modo adequado, mas de se buscar como as atividades humanas, cognitivas e linguísticas, estruturam e dão sentido ao mundo”.

Desse modo, na abordagem da referenciação, existe uma preocupação em estudar como os sentidos das coisas no mundo ocorrem através das atividades cognitivas humanas, que se apresentam através dos signos linguísticos, mas que o sentido dado ao mundo não depende apenas do aparato linguístico, pois, muitas vezes, o contexto sócio histórico e cultural é quem é fundamental para que se atribuam sentidos aos diversos textos que circulam na sociedade, ou seja, as palavras, imagens e cores têm diversas significações, dependendo da atividade discursiva humana em determinado contexto social. Podemos entender com Koch (2004) que os signos linguísticos estão à disposição do sujeito em qualquer situação comunicativa. No entanto, no decorrer da interação verbal, é possível que o enunciador precise sair do conteúdo simplesmente semântico para que seu interlocutor atribua sentido àquele signo, naquela situação comunicativa. Nesse sentido, nos estudos da referenciação, uma palavra vai além do seu sentido semântico, pois ela se modifica dependendo do contexto em que ela for inserida e, muitas vezes, para entendermos a verdadeira significação daquela palavra, naquele contexto, precisamos estar inseridos no contexto em que está ocorrendo a interação verbal, ou buscar nossos conhecimentos de mundo.

Dessa forma, Koch (2002, p.209) afirma que “a referenciação constitui uma atividade discursiva”, no sentido que ela acontece no momento em que o texto ocorre independente dele se manifestar de forma verbal ou não verbal. Nesse sentido, Cavalcante (2011) também trata da instabilidade da língua em relação ao uso dos processos referenciais, afirmando que “nem os elementos do discurso nem as entidades do mundo têm uma segmentação já pronta, dada *a priori*; os referentes, ou *objetos de discursos*, são categorias cognitivas apresentam uma instabilidade inerente a eles” (CAVALCANTE, 2011, p. 26). A autora reforça a ideia da instabilidade dos referentes e que o sentido da linguagem em um discurso não depende das palavras representando coisas, mas sim dos falantes que categorizam e recategorizam os objetos em situações diversas no mundo.

Após esta discussão sobre referenciação, a seguir, abordaremos os estudos de um dos processos referenciais utilizados na construção dos textos: a referenciação anafórica. Este é um aspecto da referenciação fundamental para a construção dos sentidos e adequação contextual de qualquer produção oral ou escrita. A adequação contextual, segundo Antunes (2009) ocorre devido ao nível de preocupação que o autor tem com a linguagem usada no seu texto dependendo do contexto em que irá utilizá-la, podendo ser oral ou escrito, por exemplo, no texto oral temos a fala mais despreocupada em contextos informais e um dizer mais rebuscado em um contexto de uso formal da oralidade. No texto escrito, por exemplo, temos menos preocupação na escrita de textos informais, como bilhetes, o bate papo com amigos na internet, mas também em produções textuais com objetivos mais formais como textos jornalísticos, jurídicos e, no caso da discussão deste trabalho, que é o artigo de opinião, o autor deve se preocupar com a linguagem utilizada para, a partir dela, argumentar sobre determinado tema e conseguir a adesão dos seus leitores à sua posição em relação a discussão presente na sua produção textual.

Diante disso, Cavalcante (2012, p. 123) afirma que “a estratégia anafórica diz respeito à continuidade referencial, ou seja, à retomada de um termo referente por meio de novas expressões referenciais”. Com a autora, observamos que as formas referenciais anafóricas são responsáveis pela continuidade do texto, e esta continuidade ocorre de forma adequada quando o autor faz uma reflexão sobre como usar estes recursos referenciais no seu texto, pois o mau uso pode fazer o inverso, ou seja, prejudicar a continuidade e a informatividade da produção

textual. Entendemos, assim, que a referenciação anafórica não é apenas uma forma de retomar o referente, o que, segundo Koch (2004, p. 59) “[...] não é simplesmente em localizar um segmento linguístico no texto (um ‘antecedente’) ou um objeto específico no mundo, mas, sim, algum tipo de informação anteriormente alocada na memória discursiva”. Dessa forma, a autora afirma que os elementos que constituem uma anáfora não se referem apenas a antecedentes utilizados anteriormente no corpo do texto, mas toda informação que o leitor traz em sua memória discursiva que pode surgir no momento da leitura. Nesta perspectiva, por exemplo, a anáfora pronominal é usada para evitar a repetição do termo usado anteriormente, mas também é aconselhável usar a repetição total do termo nos momentos que o uso do pronome pode causar duplo sentido ao dizer do autor. A anáfora por sinonímia ou parassinonímia é usada no momento em que o autor usa uma expressão inteira que retoma o referente; nessa expressão, pode estar uma posição argumentativa do autor em relação ao tema abordado, ou ainda o acréscimo de uma informação, trazendo, assim, mais informatividade, o que contribui também para a progressão textual.

O mau uso das expressões referenciais pode prejudicar a intenção do autor na construção de um texto. Em relação à pronominalização, Marcuschi (2012, p. 69) escreve que “o exagero no uso da pronominalização num texto leva a uma progressiva diminuição da informação e a uma dificuldade crescente de processamento cognitivo”. Com esta informação, entendemos que, quando o autor de um determinado texto retoma muitas vezes o mesmo referente, usando a repetição total do termo sem ser de forma estratégica como pode prejudicar a informatividade do texto, como também o seu sentido.

Dessa forma, Antunes (2010, p. 122) reforça a ideia que a repetição do mesmo referente deve ter regras quando cita que “Tais considerações não significa que a repetição de palavras seja absolutamente livre e não tenha suas regularidades. Tem, sim”. Entendemos com a autora que a repetição é relevante se seu uso for com algum propósito e não apenas por falta de atenção ou pobreza vocabular, ou seja, como a escritora coloca, é um recurso funcional; deve ter uma função específica no enunciado.

Seguindo a classificação proposta por Koch (2004), temos os grupos das anáforas correferenciais e as não-correferenciais. Nesse trabalho, apresentaremos os conceitos das correferenciais, pois são as que usamos como categorias de análise no nosso trabalho.

As *anáforas correferenciais* são as retomadas de referentes do texto anteriormente expressos que podem se concretizar por meio da *repetição total* ou *parcial*, essas ocorrem quando o núcleo da forma nominal ou pronominal é repetido na íntegra ou parcialmente. As retomadas por *sinonímia* ou *parassinonímia* ocorrem quando uma retomada é feita por uma expressão sinônima ou quase-sinônima; as retomadas por *hiperonímia* ocorrem por meio de um hiperônimo relacionado ao indivíduo-espécie, espécie-gênero. Por um *termo genérico*, efetua-se por meio de nomes referentes ao mesmo gênero, ou seja, que designam a mesma coisa e, por último, as retomadas por *descrições nominais*, que ocorrem porque, ao invés de utilizar a palavra, é apresentada a sua descrição dependente do contexto.

2 REFLEXÕES SOBRE O USO DOS RECURSOS DA REFERENCIAÇÃO ANAFÓRICA EM TEXTOS ESCRITOS POR ALUNOS DO ENSINO MÉDIO

A partir de agora, apresentamos a análise dos dados. O nosso *corpus* é composto por onze artigos de opinião do 3º ano do ensino médio de uma escola da rede pública de ensino.

Nesse sentido, realizamos uma análise prévia do material, transcrevemos os textos, preservando as suas versões originais, e enumeramos a quantidade de ocorrências anafóricas nos textos deste nível de ensino, tendo como base teórica as categorias apontadas por Koch (2004). Assim, a seguir, apontamos nossos resultados e reflexões, utilizando exemplos retirados dos textos.

2.1 Uma visão geral sobre os dados

Em uma análise prévia, foi possível detectar, nos onze textos, sessenta e oito anáforas correferenciais divididas em: vinte e seis anáforas pronominais, vinte anáforas por sinonímia ou parassinonímia, vinte por repetição total e duas por repetição parcial.

Em relação às ocorrências de anáfora indireta, constatamos vinte e duas ocorrências a partir de seis palavras diferentes que retomam de forma indireta o título. No entanto, especificamente para este trabalho, discutiremos apenas as anáforas diretas.

Dessa forma, separamos as ocorrências com mais regularidade nos textos para apresentarmos nossas discussões, utilizando sete exemplos e, assim, tentamos explicar o porquê desses resultados e como eles influenciam no sentido e na adequação contextual no gênero artigo de opinião.

Como proposto, agora, faremos uma exposição ilustrativa e interpretativa de algumas ocorrências retiradas dos textos, a fim de ilustrar a análise dos dados. Nossa sistematização será da seguinte forma: começaremos discutindo as anáforas pronominais, em seguida, as anáforas por repetição total e, por fim, as anáforas por sinonímia ou parassinonímia.

2.2 O uso das anáforas pronominais

A anáfora pronominal, segundo Koch (2004), ocorre quando o autor de um determinado texto usa um pronome como forma de retomar o referente já citado anteriormente. A seguir, os exemplos com algumas ocorrências sobre a forma como os alunos do ensino médio usam este recurso em suas produções textuais:

Exemplo 01

Texto 07: Maioridade Penal²

“**Esses jovens** quando cometem um crime [...] **eles** são encaminhados para uma instituição educativa, onde **eles** vão cumprir muitas tarefas socioeducativas, onde **eles** cumprem a pena de acordo com a infração”.

² Todos os textos do ensino médio têm o mesmo título, no caso, “Maioridade Penal”.

Neste trecho, o aluno usa três anáforas pronominais com o pronome pessoal no plural “eles” para retomar o termo “Esses jovens”. Dessa forma, este é um uso inadequado da referenciação anafórica, uma vez que a aplicação de apenas uma retomada anafórica seria o suficiente para a produção deste trecho do texto. Não complementa o sentido quando o autor usa mais de uma vez, sendo que as outras vezes são apenas repetições que prejudicam a produção textual. Nesse sentido, as escolhas referenciais presentes no exemplo (1), para o artigo de opinião, estão sem nenhuma estratégia argumentativa e, assim, o professor poderia orientar o discente a uma revisão do texto, na qual o aluno retiraria alguns destes pronomes deixando sua produção textual mais clara e mais adequada para o gênero textual solicitado. Como forma de ilustração, vejamos como ficaria este trecho reconstruído retirando a retomada pronominal “eles” do referente “Esses jovens”, deixando-o como forma de elipse, que também é um objeto de estudo da referenciação.²

“Esses **jovens** quando cometem um crime são encaminhados para uma instituição educativa, cumprem muitas tarefas socioeducativas, e pagam a pena de acordo com a infração”.

Observamos que, da forma como ilustramos, o texto fica mais adequado e com as ideias sistematizadas, de forma que melhora a compreensão para o leitor.

Antes de refletirmos mais sobre esta ocorrência, realizaremos outra exposição de mais um trecho semelhante encontrado em outro texto:

Exemplo 02

Texto 10: Maioridade penal

“Os **jovens** não devem ir para prisão desde cedo, **eles** estão numa fase passando para adultos e tem poucas experiências de vida, imagine-**os** numa cadeia **eles** podem se tornarem mais agressivos [...] muitos querem ter vida própria e escolas boas de qualidade, pois ocuparia o tempo e **eles** não faria tanta besteira. O que mais incentiva os **jovens** a cometerem crimes, é [...]”.

No exemplo (2), temos a anáfora pronominal também através do pronome pessoal no plural “eles”, sendo usada para retomar o referente “jovens” por três vezes, e também através do pronome do caso oblíquo “os”. Por fim, temos uma anáfora por repetição total do termo “jovens”. Assim como ocorreu no exemplo (1), também percebemos o uso excessivo da anáfora pronominal, influenciando na construção do texto, uma vez que podemos observar retomadas muito próximas, como é o caso do uso do pronome reto “os” e logo em seguida, o uso do pronome pessoal “eles” e outras totalmente desnecessárias, como ocorre no fim do trecho com o pronome pessoal “eles”, sendo que sua ausência não iria interferir de forma nenhuma na construção do sentido.

Uma explicação para o excesso de uso deste recurso anafórico seria que o aluno do ensino médio ainda apresenta traços da oralidade nos seus textos, como também sente dificuldade em articular as ideias e sistematizá-las no papel, assim, é mais fácil para eles escreverem usando retomadas por

³ Neste trabalho, abordamos apenas a referenciação anafórica. Para uma discussão sobre elipse, ver Koch (2002).

meio dos pronomes. Portanto, entendemos que o uso dos aspectos da referenciação, de forma mais intensa, em conjunto com os outros conteúdos nas aulas de produção textual, contribuirá para o aluno entender estes recursos e aplicá-los nos seus textos de forma coerente, sem usar exageradamente, como também não selecionar apenas os mais simples, ou seja, o discente, sendo orientado acerca deste conteúdo e tendo a consciência na hora da produção dos seus textos, terá mais facilidade de escrever, atribuir sentido e adequação contextual às suas produções.

Com estas reflexões, finalizamos a discussão sobre o emprego das anáforas pronominais nos textos dos alunos do ensino médio. Em seguida, começaremos as discussões sobre ocorrências de anáforas por repetição total.

2.3 O uso das anáforas por repetição total

Nesta perspectiva, após esta exposição sobre o uso da anáfora pronominal nos textos, a seguir, abordamos o uso da anáfora por repetição total que, segundo Koch (2004), ocorre quando o autor do texto usa o mesmo termo de forma integral para retomar um referente citado anteriormente no seu texto. Vejamos a seguir os exemplos de trechos dos textos, nos quais ocorre o emprego deste tipo de anáfora.

Exemplo 03

Texto 09: Maioridade Penal

“[...] a maioridade penal para 16 anos, mas tem que ser uma decisão bem pensada, pois pode prejudicar o futuro dos **jovens** [...] Contudo nossa pátria pode tentar diminuir a enorme violência com algumas contribuições para os **jovens**, como melhorar a educação, criar projetos que gerem empregos que tirem os **jovens** das ruas [...]”.

O aluno neste trecho repete por duas vezes o termo “jovens” sem se preocupar em utilizar os diversos recursos disponibilizados pela referenciação para recategorizar o referente e conseguir construir de forma mais adequada seu texto. O sentido aqui não é prejudicado, mas a repetição do mesmo referente tira a oportunidade do autor disponibilizar mais informações ao seu leitor e, até mesmo, se posicionar de forma argumentativa em relação à temática, já que os discentes estão construindo um artigo de opinião. Lembramos que estamos fazendo análise de textos de alunos do 3º ano do ensino médio e esses aspectos da referenciação anafórica já deveriam estar mais assimilados por eles. No nosso próximo exemplo, apresentamos todas as retomadas anafóricas feitas pelo autor durante o seu texto através da repetição total do termo. Observemos o exemplo e, em seguida, uma reflexão sobre esta questão nos referindo às duas ocorrências:

Exemplo 04

Texto 05: Maioridade Penal

“Muito se fala na redução da **maioridade penal** no Brasil, na qual será reduzido para 16 anos a idade penal dos **jovens**. Mas será que a 'resolveria o número de crimes por esses **jovens**? A redução da maioridade penal pode sim reduzir a quantidade de crimes cometidos por esses **jovens**. [...] Mesmo que a maioridade penal seja reduzida muitos **jovens** continuam cometendo atos criminais. No Brasil

a lei é muito fraca em relação a punição aos **jovens** criminalistas , pois muitas das vezes não ela não pune severamente os **jovens** pelos seus atos [...] Certamente irão pagar por seus crimes em presídios, onde não se tem estrutura qualificada e seguras para esses **jovens** [...] pois só assim os **jovens** que serão punidos pelos seus atos cumpriram suas penas”.

Podemos observar que o aluno usa o termo “maioridade” fazendo referência à “maioridade penal”, pois o leitor, a partir do contexto, consegue recuperar que “essa maioridade” a qual o texto está se referindo é a questão da maioridade penal presente na lei brasileira. No entanto, o que mais impressiona é que este autor usa a retomada anafórica do termo “jovens” por seis vezes no seu texto, sem se preocupar em realizar nenhuma recategorização ou mesmo através de pronomes, ou por sinonímia ou parassinonímia.

Possivelmente, uma explicação para as ocorrências no exemplo (4) seria a falta de informação sobre a temática, uma vez que, para recategorizar o referente e colocar mais informação no texto, o autor precisa conhecer bem sobre o que está escrevendo. Outra explicação poderia ser, segundo Antunes (2009), o pouco tempo dispensado pelos docentes ao trabalho adequado com a produção textual em sala de aula, no qual os aspectos da referenciação estariam inseridos, deixando os pré-vestibulandos ou candidatos a concursos despreparados nesta área e, assim, estes discentes, ao saírem do ensino básico, sentirão dificuldades em serem aprovados nestes tipos de seleções.

Os dados também nos direcionam para a possibilidade de que o professor da disciplina de Língua Portuguesa não está levando para sala de aula as contribuições da Linguística Textual para as aulas de produção textual, uma vez que este seria um caminho para o aluno crescer enquanto produtor textual.

Assim, findamos nossas reflexões acerca das ocorrências com o uso das anáforas por repetição total em textos dos alunos do ensino médio. A seguir, discutiremos o uso das anáforas por sinonímia ou parassinonímia nestas mesmas produções textuais.

2.4 O uso das anáforas por sinonímia ou parassinonímia

Para finalizar as nossas análises, apresentaremos as ocorrências com alguns exemplos de anáfora por sinonímia ou parassinonímia que Koch (2004) afirma ser apresentada através de frases ou expressões que são reconhecidas como forma de retomar o referente já citado no texto, e são reconhecidas devido ao contexto, no qual estas formas nominais são citadas.

Exemplo 05

Texto 11: Maioridade Penal

“A **maioridade penal** no Brasil vem sendo nos últimos meses **um problema de grande questionamento social**, a qual, trata-se de pequenos infratores que age na sociedade como se fossem indivíduos responsáveis pelos seus próprios atos”.

Neste caso, o autor usa anáfora por sinonímia ou parassinonímia através de descrição nominal para se referir à “Maioridade penal” como sendo “um problema de grande questionamento social”. Nesse sentido, o aluno usa o que Koch (2004) afirma ser um sinônimo mais ou menos

aproximado, ou seja, um quase sinônimo que descreve de forma nominal o que seria o termo tendo como base o contexto. Este é um recurso muito utilizado em diversos textos, principalmente opinativos, porque revela o conhecimento e posicionamento do autor em relação ao que se está discutindo. Entretanto, apesar de termos contabilizado vinte retomadas anafóricas por sinonímia ou parassinonímia, apenas cinco casos são semelhantes a este, pois as outras quinze ocorrências são apenas por sinônimos. A explicação para um fato como este seria o pouco entendimento dos conteúdos referentes à produção textual que, em muitos casos, se prolonga desde o ensino fundamental até o último ano do ensino médio.

Desse modo, em uma análise mais detalhada, podemos constatar que as escolhas dos sinônimos são as mais previsíveis possíveis em relação ao tema que está sendo discutido no texto. Para comprovar essa hipótese, veremos os exemplos seguintes, transcritos de dois textos distintos:

Exemplo 06

Texto 08 “Maioridade penal”

“A redução da maioridade penal é um tema que está sendo discutido em todo o **país**, pelo fato dos **jovens** estarem cometendo crimes. Precisamos ajudar esses **adolescentes** que são o futuro do nosso **Brasil**. [...]”.

Neste exemplo, o aluno usa a expressão referencial “Brasil” para retomar “país”, como também retoma a expressão referencial “jovens” pelo referente “adolescentes”.

Exemplo 07

Texto 07: “Maioridade penal”

“Muitos **jovens** estão entrando para o mundo das drogas, roubos e violência, tudo isso faz parte da criminalidade [...] É ressaltar que os **adolescentes** estão entrando no mundo do tráfico de drogas e estão tornando suas vidas cada vez mais difícil”.

As ocorrências nos exemplos (6) e (7) são para ilustrar o que observamos com frequência em todos os textos, nos quais os alunos usam muito estes dois tipos de sinônimos, como também os repetem durante toda a produção. Entendemos que, de acordo com a temática sobre a maioridade penal, um sinônimo como o termo “adolescente” é um dos mais simples para se referir a “jovens” no texto, por isto que os alunos os usam tanto em suas produções textuais.

Portanto, diante desta análise, entendemos a pouca preocupação de boa parte dos alunos com um uso adequado da referenciação anafórica como ferramenta na construção do sentido e adequação textual. Muito do que notamos foi o uso inadequado da referenciação anafórica, sem reflexão sobre a importância que esta ferramenta tem na produção de um bom texto. Também uma realidade que temos na nossa educação é a falta de leitura no meio estudantil, pois, para se recategorizar o referente e sair dos termos óbvios de sinônimos, o aluno precisa de conhecimento prévio sobre o tema do seu artigo de opinião. Para tanto, sabemos que estas informações prévias são adquiridas

por meio da prática de leitura, pois, em um texto, uma das formas para percebermos que o autor conhece a temática é exatamente pela forma com que ele (re)constrói o referente no decorrer de sua produção textual, e esta realidade de que o aluno do ensino médio não tem o gosto pela leitura ainda permeia todo o ensino brasileiro.

Assim, com estes exemplos, findamos nossa discussão sobre as construções anafóricas em textos de alunos do ensino médio. A seguir, apresentamos nossas considerações finais, nas quais retomamos nossos objetivos, explicitamos nossos resultados e conclusões e indicamos uma possível aplicação prática desses resultados no contexto do ensino básico atual brasileiro.

CONCLUSÃO

Nosso trabalho teve como objetivo entender como os alunos do ensino médio constroem o sentido e a adequação nas suas produções de texto com o uso dos recursos de referência anafórica, uma vez que uma aplicação adequada destes recursos torna o texto mais sistematizado, com mais informação, deixando sua leitura mais fluente.

Nesta perspectiva, nossos resultados mostraram que as ocorrências de referência anafórica correferencial apresentam uma regularidade, sob as formas de anáfora pronominal, por repetição total e por sinonímia ou parassinonímia.

Acreditamos que se fosse dispensado mais tempo pelos professores para as aulas de produção textual com planejamentos, nos quais o ensino de texto fosse aliado às contribuições da Linguística Textual, que entende o texto como processo e não produto, estes alunos conseguiriam apresentar textos com adequação contextual, ou seja, ter a consciência de qual linguagem usar em gêneros textuais específicos para cada contexto, não apenas no artigo de opinião, mas em qualquer gênero textual.

Assim, verificamos que os alunos apresentam dificuldades em relação à adequação contextual e à construção do sentido através da referência anafórica, pelo fato de constatarmos um número excessivo de escolhas referenciais sem nenhuma estratégia no corpo dos textos, por exemplo, as anáforas por repetição total. Concluímos, com este resultado, que a maioria dos textos analisados apresenta informações superficiais sobre a temática discutida e que a referência anafórica não é um conteúdo de domínio dos alunos, pois, se assim fosse, perceberíamos o seu uso de forma mais sistematizada com a intenção de trazer mais informatividade aos textos.

Portanto, como perspectiva de aplicação para esta pesquisa, esperamos que estes resultados sejam levados ao contexto de sala de aula, com este texto disponibilizado para as escolas, para que os professores de Língua Portuguesa tenham acesso a esses resultados e possam refletir sobre a realidade encontrada no ensino médio, no que se refere à construção do sentido a partir do uso dos recursos da referência anafórica.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, I. **Aula de português: encontro e interação**. 8. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

CAVALCANTE, M. M. **Referenciação: sobre coisas ditas e não ditas**. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

_____. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2012.

_____.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (orgs). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003.

KOCH, I. G. V. Sobre a seleção do núcleo das formas nominais anafóricas na progressão referencial. In: NEGRI, L.; FOLTRAN, M. J.; OLIVEIRA, R. P. **Sentido e significação: em torno da obra de Rodolfo Ilari**. São Paulo: Contexto, 2004b. p. 244-262.

_____. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. **O texto e a construção dos sentidos**. 9 ed. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. **As tramas do texto**. São Paulo: Nova Fronteira, 2008.

_____. & TRAVAGLIA, L.C. **A coerência textual**. São Paulo: Contexto, 2002.

_____. V; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (orgs). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005.

MONDADA, L; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (orgs). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52. (Coleção clássicos da lingüística).

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividade de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. **Linguística do Texto: o que é e como se faz**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.